

## LUTA DE CLASSES E LITERATURA INFANTIL: UM BREVE DIÁLOGO À LUZ DE BAKHTIN

Mariana Passos Ramalhete<sup>1</sup>

**Resumo:** O aprofundamento das discrepâncias sociais, a fragilização de pressupostos democráticos não se restringem apenas à realidade brasileira e, por isso, são assuntos que carecem sempre de questionamentos e resistência. Este trabalho propõe um diálogo com o livro infantil *O que são classes sociais?*, de autoria da Equipo Plantel, e ilustrado por Joan Negrescolor, cuja linguagem, de modo simples, porém não ingênua, desvela a algoz estrutura social da sociedade capitalista e as razões para que certas pessoas tornem-se desiguais e, portanto, subjugadas. Tal intento será estabelecido a partir dos pressupostos bakhtinianos da linguagem, em especial o conceito de *enunciado*, circunscrito na produção *Estética da Criação Verbal*. Atenta-se, nesse sentido, não só para questões inerentes à materialidade da obra, mas, também, as escolhas lexicais, no discurso ora proposto, que apontam para um questionamento das desigualdades e vilanias de uma sociedade que expande, cada vez mais, a miséria e a degradação humana. A partir de uma breve análise, pode-se perceber que, afugentando-se de monarquias, príncipes e princesas, a obra, criticamente, com ilustrações muito instigantes, demonstra os exageros, os abusos de poder do sistema capitalista. Ao descortinar os motivos da cristalização de algumas diferenças entre os seres humanos, a produção espanhola propõe, ainda, uma discussão coerente e a necessidade urgente de luta por direitos, em busca de uma vida digna e igualitária.

**Palavras-chave:** Enunciado. Literatura Infantil. Classes Sociais.

### FIGHTING CLASSES AND CHILDREN'S LITERATURE: BRIEF DIALOGUE IN THE LIGHT OF BAKHTIN

**Abstract:** The deepening of social discrepancies, the weakening of democratic presuppositions are not only restricted to the Brazilian reality and, therefore, are subjects that always require questioning and resistance. This work proposes a dialogue with the children's book *What are social classes?*, authored by Equipo Plantel, and illustrated by Joan Negrescolor, whose language, in a simple but not naive way, reveals the somewhat social structure of capitalist society and the reasons so that certain people become unequal and therefore subjugated. Such an attempt will be established from the Bakhtinian presuppositions of language, especially the concept of utterance, circumscribed in the Aesthetic production of Verbal Creation. In this sense, it is concerned not only with issues inherent to the materiality of the work, but also with the lexical choices in the discourse proposed, which point to a questioning of the inequalities and perversities of a society that increasingly expands the misery and human degradation. From a brief analysis, one can see that, escaping from

---

<sup>1</sup> Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação e Filosofia da Ufes (Nepefil/CE/Ufes) e do grupo de pesquisa interinstitucional Literatura e Educação. E-mail: [marianaramalhete@yahoo.com.br](mailto:marianaramalhete@yahoo.com.br).

monarchies, princes and princesses, the work, critically, with very provocative illustrations, shows the exaggerations, abuses of power of the capitalist system. When the reasons for the crystallization of some differences between human beings are revealed, Spanish production also proposes a coherent discussion and the urgent need to fight for rights in search of a dignified and egalitarian life.

**Keywords:** Enunciation. Children's literature. Social classes.

## 1 PALAVRAS INICIAIS

No final da década de 1970, foi publicada pela editora La Gaia Ciencia (Barcelona, na Espanha), num contexto de reabertura democrática, após a morte do ditador Francisco Franco, uma coleção de livros infantis extremamente interessante, que trata de questões de justiça social por meio da literatura. Quadro décadas após a primeira publicação, os livros foram reeditados pela editora espanhola Media Vaca e, em solo brasileiro, traduzidos e publicados em 2016, pela editora Boitatá (versão infantil para a editora Boitempo). Trata-se da Coleção *Livros para o Amanhã*<sup>2</sup>, a saber: *A democracia pode ser assim; A ditadura é assim; As mulheres e os homens e O que são classes sociais?*.

No Brasil, o processo de transição para a democracia só iniciou em 1985. E 2016 não foi só o ano de publicação da referida coleção. Em breve passagem, pode-se mencionar o *impeachment*, sem a comprovação de crime, de uma presidenta legitimamente eleita; políticos de caráter duvidoso e pouco comprometidos com a justiça social foram (re)eleitos; direitos sociais começaram a ser usurpados, em especial o recrudescimento de discussões sobre a privatização do Sistema Único de Saúde (SUS) e projetos para a previdência social marcados pelo viés do “novo” neoliberalismo. No âmbito da educação, a reforma do Ensino Médio, com uma série de incongruências e questionamentos foi aprovada pela câmara federal, cortes

---

<sup>2</sup> Coleção premiada pela Feira do Livro em Bolonha, maior evento mundial de literatura infantil. Informação disponível em: <<https://sarauparatodos.wordpress.com/2016/02/24/colecao-livros-para-o-amanha-ganha-premio-da-feira-do-livro-de-bolonha/>>. Acesso em 01 de fev. 2017.

<sup>2</sup> A autoria da Coleção *Livros para o Amanhã* é atribuída à Equipe Plantel. Foi enviada uma mensagem à editora Boitatá, a fim de saber os nomes dos autores dessa equipe, para melhor referenciá-los neste trabalho. Gentilmente, a editora respondeu que, por se tratar de uma produção conjunta de um grupo de “pedagogos e intelectuais”, deve-se fazer a referência dos livros tal qual está na ficha catalográfica. Nesse sentido, salienta-se, mais uma vez, o contexto de recente abertura democrática na ocasião da primeira publicação dos livros, o que, possivelmente, justificaria o nome velado dos autores. Por outro lado, pensamos que esse “ocultamento” é interessante por mais dois motivos: além de corroborar com uma das mensagens contidas no livro *O que são classes sociais?*, que é a união da classe trabalhadora, ainda se aproxima com a ideia do Círculo de Bakhtin, uma vez que as reflexões são resultado da união de esforços de diversos intelectuais.

orçamentários foram feitos, emendas constitucionais legalizaram o congelamento de investimentos, estudantes em escolas ocupadas foram ameaçados e agredidos. Trata-se, como visto, de um rápido avanço de políticas neoliberais, a despeito dos importantes passos dados nos governos anteriores. Nesse sentido, preocupam, sobretudo, o enfraquecimento da democracia e a perda de direitos sociais, que, infelizmente, caminham a passos largos.

A calamidade dos fatos, em solo brasileiro, não se esgotam neste breve parágrafo. Contudo, tais menções são relevantes para trazer à baila, no âmbito literário, inclusive no infantil, discussões que fomentem questionamentos desse atual contexto. Afinal, conforme assegura Todorov (2009, p. 76), “A Literatura pode muito”.

Este trabalho propõe um diálogo com o livro *O que são classes sociais?*. Essa escolha justifica-se por dois motivos: pela necessidade de se abreviar o *corpus* da coleção e, além disso, por julgarmos que, em um contexto de aprofundamento das vis discrepâncias sociais, esse assunto carece sempre de diálogo, de um olhar cauteloso. Tal intento será estabelecido a partir dos pressupostos bakhtinianos da linguagem, em especial o conceito de *enunciado*, circunscrito na obra *Estética da Criação Verbal*.

Visamos a observar não só questões inerentes à materialidade da obra infantil, mas, também, as escolhas lexicais, no discurso ora proposto, que apontam para um questionamento das desigualdades e vilanias da sociedade capitalista. Assim, este trabalho está estruturado da seguinte forma: primeiramente, a referida produção será apresentada detendo-se, também, em alguns aspectos da capa. Ao atentar-se para linguagem literária para além de um complexo lexical repleto de normas gramaticais, deseja-se desmistificar a naturalização das desigualdades sociais, da democratização da miséria humana e, desse modo, no contexto da literatura infantil selecionada, à luz do conceito bakhtiniano de *enunciado*, ratificar a necessidade de luta, de questionamento, ainda que longe do contexto espanhol (país de origem do livro *O que são classes sociais?*), ou seja ainda que de fora, temer jamais.

## 2 LITERATURA INFANTIL E LUTA DE CLASSES

A cada dez anos um grande Homem.  
Quem pagava a conta?  
Tantas histórias.  
Tantas questões.

Bertold Brecht

Zilberman (2003) observa que livros infantis são um fenômeno relativamente recente, que se deu, sobretudo, pela ascensão da burguesia e pela inserção de crianças na escola. Suas primeiras publicações objetivavam prioritariamente a disciplinarização e tinham cunho moralizante e didatizante. Com o passar do tempo, e com as mudanças nas características da sociedade (comportamentos, renda, preferências de leitura, contexto político, relações de gênero, dentre outros), as editoras tendem a acompanhar tais mudanças. Mais especificamente, *Era uma vez* não é uma voz uníssona. Em outras palavras, falar de livros infantis, hoje, não significa restringir-se aos contos de fadas. É nesse sentido que a Coleção *Livros para o Amanhã* chama a atenção.

O livro *O que são classes sociais?*, corpus escolhido para este trabalho, não narra a história de uma personagem específica. Não há personagens nomeados. O leitor não é informado acerca de características muito comuns em história infantil: tempo, espaço, narrador... Tal estratégia é interessante, pois, ao abster-se de nomeações, entendemos que os fatos narrados podem ocorrer em quaisquer lugares do mundo.

Essa abstenção não implica necessariamente ingenuidade. Palavras produzem sentidos. Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, Bakhtin/Volochínov (2006) tece uma série de críticas destinadas a concepções reducionistas que restringem a língua ao campo de um psiquismo individual ou a um sistema fechado de regras. Assim, de acordo com os pressupostos do autor, é preciso compreender a língua como um fenômeno vivo, sempre atrelada ao contexto, dentro das relações sociais, pois “A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p. 96). É nessa premissa que repousa a noção de *enunciado*, conceito ímpar na concepção de linguagem de Bakhtin e de seu Círculo. A linguagem, nessa perspectiva, além de estar atrelada intimamente à esfera de uma atividade humana, vincula-se aos contextos históricos, sociais, culturais e considera sempre os sujeitos envolvidos (o lugar de onde se fala, o que se fala, para quem se fala, por que se fala... ou escreve...):

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana, o que não contradiz a unidade nacional de uma língua. A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua — recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais —, mas também,

e sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolavelmente no *todo* do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação (BAKHTIN, 1997, p. 280, grifo do autor).

Nesse sentido, podemos afirmar que a literatura é um modo peculiar da esfera humana de utilização da língua e, conforme afirmação de Bakhtin (1997), os *enunciados* refletem condições específicas de produção, dentro de um todo. Além disso, uma observação atenta à seguinte afirmação se faz necessária, uma vez que

Não pode haver enunciado isolado. Um enunciado sempre pressupõe enunciados que o precederam e que lhe sucederão; ele nunca é o primeiro, nem o último; é apenas o elo de uma cadeia e não pode ser estudado fora dessa cadeia. Existe entre os enunciados uma relação impossível de definir por termos de categorias mecânicas ou linguísticas. Esta relação não tem analogia (BAKHTIN, 1997, p. 376).

Entendendo um *enunciado* como um elo em uma cadeia mais ampla de *enunciados*, ele sempre será produzido em um determinado contexto, com determinadas intenções e, portanto, está integrado a *enunciados* antecedentes e posteriores, impossibilitando, dessa maneira, uma categorização rígida e estanque, como o último ou o primeiro elo dentro dessa cadeia. Para Bakhtin (1997), o *enunciado* tem natureza social, discursiva e não meramente é orquestrado por normas linguísticas inertes. Fora da cadeia, torna-se uma abstração e, desse modo, não pode ser analisado consistentemente, pois retira-se dele o que há de mais relevante: vida.

O livro, que é ilustrado por Joan Negrescolor, cuja capa expõe-se a seguir, além de contar com ilustrações extremamente provocativas, inspiradas no jogo “Cobras e Escadas”, que, conforme a sorte do jogador, há a possibilidade ascensão e queda de nível social, ainda contém uma espécie de epílogo, que explica resumidamente a origem das classes sociais.

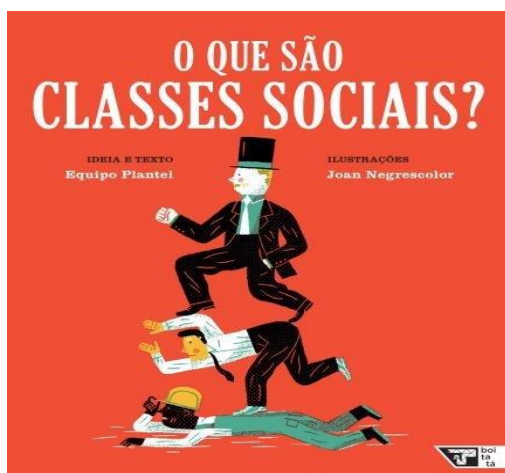


Figura 1 - Capa do livro O que são classes sociais?

Fonte: Elaborada pela autora (2017).

**Pró-Discente:** Caderno de Produção Acadêmico-Científica. Programa de Pós-Graduação em Educação, Vitória-ES, v. 24, n. 1, p. 76-87, jan./jun. 2018.

A capa apresenta detalhes merecedores de atenção. Afinal, com uma junção de fatores de ordem semiótica, descortina-se a lógica excludente da sociedade, desvela-se a exploração da força de trabalho. Além de predominar a cor vermelha (muito utilizada em movimentos sociais e políticos de esquerda), faz referência a um outro “jogo” visual, que, à maneira de uma pirâmide, centraliza três homens (representando três classes sociais). A classe trabalhadora, maioria da população, é duplamente esmagada: pela classe média e, também, pela classe alta.

No topo da pirâmide está um homem branco, de pé, trajando terno, camisa verde e chapéu, sapatos sociais, uma mão fechada e outra no bolso. O detalhe das mãos não pode ser ignorado, conota o lucro, a força, o poder e, também, a impossibilidade de divisão dessa tríade tão característica do capitalismo. A classe média é simbolizada por um homem pardo, que não traja nem paletó nem o chapéu, usa calça preta e um calçado esportivo verde. Ela é esmagada pela classe mais alta e pisa na classe trabalhadora. O homem está no meio da pirâmide, curvado, a se equilibrar entre as duas classes, com as mãos abertas, como se estivesse rendido, subserviente. A classe trabalhadora, por sua vez, é simbolizada por um homem preto, que está vestido com um macacão, blusa branca e botina. Deitado, pisoteado e oprimido, uma de suas mãos é apoiada no chão e a outra segura o capacete de segurança.

Para que o capitalismo se solidifique, é preciso (re)produzir a degradação humana, enrijecer a desigualdade, manter as condições históricas de existência da propriedade privada. Nessa perspectiva, a capa do livro deixa nítida a desigualdade social, a injustiça, a opressão e denuncia a “exploração do homem pelo homem”, ratificando, desse modo, a célebre frase: “A história de todas as sociedades até o presente é a história das lutas de classes” (MARX; ENGELS, 1997, s/p).

Seguindo a lógica da capa, dialogicamente, o livro discute com criticidade a divisão da sociedade em três classes sociais (classe alta, classe média e classe trabalhadora) e é, assim, iniciado:

Todas as pessoas são iguais. Mas existem coisas que as tornam desiguais: a força, o poder, o dinheiro e a cultura. Porque, desde sempre, alguns grupos se aproveitaram de outros, dominando-os pela força. E, à força, fizeram esses outros trabalhar, pensar e inventar para eles. Por isso, uns são ricos e outros são pobres. Uns dominam, outros são dominados. [...] As pessoas da classe alta são donas das terras, das fábricas, do dinheiro... e pagam salário para quem trabalha em suas propriedades. Como são donas de tanta coisa, acabam mandando no país. A classe alta manda em tudo. Ela manda em quem manda. [...] A classe alta quer continuar sendo minoria, para repartir o que tem entre menos pessoas (PLANTEL, 2016, s/p).

A citação acima requer uma atenção mais detida, pois “[...] o estudo do enunciado, em sua qualidade de unidade real da comunicação verbal, também deve permitir compreender melhor a natureza das unidades da língua (da língua como sistema): as palavras e as orações” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p. 288). Segundo Bakhtin (1997, p. 296), o enunciado é a unidade real da comunicação verbal. Dessa maneira, considerá-lo apenas como uma sequência de palavras, de frases, é um equívoco. Palavras como “força”, “poder”, “dinheiro”, “cultura”, “salário”, “dominam”, “mandam”, no livro, parecem pertencer ao mesmo grupo semântico. Não são estão desconexas do contexto, tampouco constituem-se apenas em um emaranhado de sintagmas. Assim, para que tais abstrações sejam rompidas, é preciso que o texto seja inserido na cadeia de comunicação discursiva, a fim de que possa ser compreendido como uma unidade dessa comunicação discursiva. Afinal, tais expressões não estão arranjas despropositamente, haja vista que “A enunciação, compreendida como uma réplica do diálogo social, é a unidade de base da língua, trata-se de discurso interior (diálogo consigo mesmo) ou exterior. Ela é de natureza social, portanto ideológica” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p. 17).

Paralelamente, segundo Bakhtin (1997), todo enunciado, de modo perene, nas mais variadas circunstâncias, responde aos enunciados que o antecederam. Assim, “[...] o enunciado é um elo na cadeia da comunicação verbal e não pode ser separado dos elos anteriores que o determinam, por fora e por dentro, e provocam nele reações-respostas imediatas e ressonâncias dialógicas” (BAKHTIN, 1997, p. 321). Esse questionamento acerca das desigualdades sociais não pode ser compreendido fora do contexto em que o livro foi publicado e reeditado. A citação ora exposta demonstra que tal enunciado está atrelado a um elo, a um contexto de abertura democrática, de resquícius dos ditames repressivos, que certamente fomentam, como atitude responsiva, questionamentos, luta.

O fragmento deixa claro que a desigualdade entre pessoas não repousa em suas características físicas, mas é condicionada por uma série de fatores (a força, o poder, o dinheiro e a cultura) que criam um profundo abismo entre a classe que vive do trabalho e a classe que explora os trabalhadores. Esse excerto inicial, além de se aproximar com a definição marxista de ideologia (outro elo), entendida como uma “falsa consciência” (em linhas gerais, as ideias veiculadas deturpam a realidade: aquilo que é socialmente produzido se apresenta como algo naturalmente constituído), desmistifica a ideia da perenização da desigualdade, põe em xeque um conjunto de ideias determinado pela classe dominante,

detentora do poder econômico e político, subverte uma concepção que, na maioria das vezes, mantém-se incólume: a exploração é algo inato.

A classe média é descrita da seguinte forma:

Já a classe média acabou ficando no meio em tudo. Nem é muito rica, nem é completamente pobre. Não é a que decide (embora dê ordens), nem é a que obedece (embora passe a vida cumprindo ordens). [...] A classe média também é meio medrosa: tem medo dos ricos, porque são os patrões; e tem medo dos pobres, porque eles podem tirar os seus empregos. Na verdade, a classe média só quer continuar vivendo bem e que nada mude, mesmo que para isso os mais pobres tenham que viver pior (PLANTEL, 2016, s/p).

“A manutenção da divisão social e a perpetuação da hegemonia da classe dominante exige que os sinais contraditórios ocultos em todo signo ideológico sejam mantidos apagados” (MIOTELLO, 2010, p. 173). Não há eufemismos. Se a história vem sendo marcada por injustiças, pela luta de classes, grande parte desse cenário é sustentado com anuência da classe média. Ainda que esta não seja detentora dos meios de produção, e que não viva duplamente pisoteada tal qual a classe trabalhadora, por medo de mudanças, corrobora para a manutenção do *status quo*, retarda, de certo modo, o processo de conscientização da classe que vive do trabalho. Embora também seja alvo da exploração, tenta se equilibrar e ajuda a manter, amparada, inclusive, por dispositivos midiáticos, a ideologia oficial.

Em um terceiro momento, a narrativa debruça-se na classe trabalhadora, cuja descrição é assim erigida:

Porém, a maioria das pessoas não pertence nem à classe alta, nem à classe média. Pertence à classe trabalhadora. A classe alta e a média a chamam de “classe baixa”. Nela não estão os mais baixos ou os menos inteligentes, mas simplesmente os que ganham menos. Parecem mais fracos, mas ficam fortes quando se unem (PLANTEL, 2016, s/p).

O que resta na sociedade capitalista, para a classe trabalhadora, não é usufruir, é produzir. Para que tal premissa permaneça exatamente como está, é preciso controle. Nesse sentido, o controle ideológico, os discursos da suposta superioridade entre seres humanos, as comparações, a defesa da meritocracia, por exemplo, são comuns no seio de uma sociedade dividida em classes, haja vista que são falácias perpetradas continuamente pelo grupo que detém o poder econômico e político. Trata-se, portanto, na citação acima, de uma subversão dos discursos mantidos por pessoas mais privilegiadas: é como se o que distinguisse os seres humanos fosse, tão somente, o salário que cada trabalhador recebe. Ou a ausência dele. A proposta, na contramão dessa perspectiva, é resistência: “Mas enquanto existirem classes



sociais... haverá luta de classes. Por que os ricos querem continuar tendo seus privilégios e os pobres querem que todos tenham os mesmos direitos” (PLANTEL, 2016, s/p).

Bakhtin/Volochínov (2006, p. 45) assegura que “O signo se torna a arena onde se desenvolve a luta de classes”. A língua, portanto, não se caracteriza como um sistema de normas abstratas, desprovida de intenções e de conteúdo ideológico. Como expressão das relações e lutas sociais, conduz e é afetada pelos efeitos dessa luta. Em pensamento análogo, Miotello (2010, p. 172) assegura que “Dentro das palavras, em uma sociedade de classes, se dá discursivamente a luta de classes”. No encerramento da obra, há uma distinção inequívoca dos desejos das classes: manutenção de “privilégios” pela classe dominante e conquista e ampliação de “direitos”, de modo igualitário para todas as pessoas. Para que isso seja alcançado, é preciso que a classe trabalhadora, maioria numérica da pirâmide, seja unida, que se fortifique.

Essa breve menção ao livro possibilita, necessita, ancorados em Bakhtin, de mais uma ponderação:

A oração passa então à categoria de enunciado completo, implica uma atitude responsiva: pode-se concordar com ele ou discordar dele, pode-se executar, julgar, etc. A oração enquanto tal, em seu contexto, não tem capacidade de determinar uma resposta; adquire essa propriedade (mais exatamente: participa dela) apenas no todo de um enunciado (BAKHTIN, 1997, p. 297- 298).

Já que “[...] toda compreensão é prenhe de resposta e, de uma forma ou de outra, forçosamente a produz” (BAKHTIN, 1997, p. 291) é preciso indagar-se: A quem se destina o enunciado? Essa pergunta é importante para se verificar as questões de alteridade na obra e, também, para se cogitar algumas possíveis atitudes responsivas. Seguramente, os *enunciados* de *O que são as classes sociais?* conjecturam as crianças como sujeitos que não estão abstraídos do mundo. Sujeitos que certamente sofrem os severos efeitos dessa sociedade de classes. Crianças que podem ter direitos usurpados de acordo com o berço em que nasceram. E crianças que podem sentir o desejo de novas leituras, de novas conversas, de novas palavras... Logo, cogitar os *enunciados* de forma estereotipada, estanque, empobrecida, abstrata, é desprezar um dos legados mais elementares da concepção bakhtiniana, pois a leitura de um texto nunca poderá ser compreendida como uma prática passiva.

Dizer “Pois o país é de todos e todos temos os mesmos direitos” (PLATEL, 2016, s/p), apenas dentro do contexto de num viés normativo da gramática, pouco adianta na formação de uma criticidade. “Por isso mesmo, a conscientização é um compromisso histórico. É também

consciência histórica: é inserção crítica na história, implica que os homens assumam o papel de sujeitos que fazem e refazem o mundo” (FREIRE, 1979, p. 15). Logo, esse excerto só fará sentido num todo de um *enunciado*. Afinal, “[...] em todos esses casos, não lidamos com a palavra isolada funcionando como unidade da língua, nem com a significação dessa palavra, mas com o enunciado acabado e com um sentido concreto: o conteúdo desse enunciado” (BAKHTIN, 1997, p. 310).

### 3 PALAVRAS FINAIS

Ao longo dos últimos dois séculos, as ácidas críticas a *enunciados* como “comunismo”, “socialismo”, “igualdade” são uma regra não apenas no Brasil, mas em diversas partes do mundo. Críticas que não se restringem às conversas corriqueiras, mas que são vislumbradas e alimentadas rotineiramente em aparelhos midiáticos, em palanques, em comícios, em tribunas nas câmaras dos deputados. Falar, ainda que indiretamente sobre esses aspectos por meio da literatura e, atrelados a eles, muitos outros, tais como “propriedade privada”, “união de classes” não é tarefa fácil e, também, nada comum é a forma como se insere no livro *O que são classes sociais?*. Mesmo com as dificuldades, esses assuntos carecem de ser tratados desde a infância. Ao constatarmos que o livro teve sua publicação original há mais de quatro décadas e, mesmo com o passar dos anos, continue tão atual, apenas com alterações nas ilustrações, é sinal de que as marcas resistentes do pisoteamento da classe que vive do trabalho não é, apenas, narração. É História. E é preocupante.

Nenhum texto pode ser visto fora de uma cadeia discursiva, visto que “[...] a oração, como unidade da língua, não consegue condicionar diretamente uma atitude responsiva ativa. É só ao tornar-se enunciado completo que adquire tal capacidade” (BAKHTIN, 1997, p. 306). *O que são as classes sociais?* é um livro que se distancia das produções infantis mais corriqueiras, plenas de castelos, cavalos e encantos. Afugentando-se de monarquias, príncipes e princesas, a obra, ao contrário, numa linguagem simples, com ilustrações muito instigantes que demonstram os exageros, os abusos de poder, propõe uma discussão ampla, mostra as razões que tornam pessoas desiguais, os motivos da cristalização de algumas acentuadas diferenças entre os seres humanos e a necessidade urgente de luta por direitos, em busca de uma vida digna e igualitária.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich/VOLOCHÍNOV, Valentín Nikoláievich. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006. 201 p.

\_\_\_\_\_. **Estética da Criação Verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. Tradução feita a partir do francês Maria Ermantina Galvão G. Pereira.

BRECHT, Bertolt. **Perguntas de um trabalhador que lê**. Disponível em: <[https://ispcepam.files.wordpress.com/2010/03/isp\\_-perguntas-de-um-trabalhador-que-le-aula-2.pdf](https://ispcepam.files.wordpress.com/2010/03/isp_-perguntas-de-um-trabalhador-que-le-aula-2.pdf)>. Acesso em: 14 mar. 2017.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação**: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979. Disponível em: <[http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/paulofreire/paulo\\_freire\\_conscientizacao.pdf](http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/paulofreire/paulo_freire_conscientizacao.pdf)>. Acesso em: 02 dez. 2016.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. Lisboa: Avante, 1997. Disponível em: <[http://www.pcp.pt/sites/default/files/documentos/1997\\_manifesto\\_partido\\_comunista\\_editorial\\_avante.pdf](http://www.pcp.pt/sites/default/files/documentos/1997_manifesto_partido_comunista_editorial_avante.pdf)>. Acesso em: 02 set. 2015.

MIOTELLO, Valdemir (Org.). Ideologia. In: BRAIT, Beth. **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2010. p. 167-176. 4. ed., 3ª reimpressão.

PLANTEL, Equipo. **O que são classes sociais?** São Paulo: Boitatá, 2016. 52 p. (Coleção Livros para o amanhã. v. 3). Tradução de Thaisa Burani.

TODOROV, Tzvetan. **A Literatura em Perigo**. Rio de Janeiro: Difel, 2009. 96 p. Disponível em: <[http://stoa.usp.br/brunafs/files/-1/16098/Todorov\\_A+literatura+em+perigo.pdf](http://stoa.usp.br/brunafs/files/-1/16098/Todorov_A+literatura+em+perigo.pdf)>. Acesso em: 13 jul. 2016.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 11. ed., rev., atual. e ampl. São Paulo: Global, 2003. 235 p.

---

Artigo recebido em: 14/03/2017

Aceito em: 05/03/2018

Publicado em: 25/06/2018

**Pró-Discente**: Caderno de Produção Acadêmico-Científica. Programa de Pós-Graduação em Educação, Vitória-ES, v. 24, n. 1, p. 76-87, jan./jun. 2018.

**COMO REFERENCIAR ESTE TRABALHO CONFORME ABNT:**

RAMALHETE, Mariana Passos. Luta de classes e Literatura Infantil: um breve diálogo à luz de Bakhtin. **Pró-Discente**: Caderno de Produção Acadêmico-Científica, Vitória-ES, v. 24, n. 1, p. 76-87, jan./jun. 2018.